

**CANTANDO COM CHICO BUARQUE
– FARTANDO-SE DE PÃO:
A MÃO DO HOMEM EM VERSO E PROSA
NA TERRA QUE GRITA E GEME,
MAS SOBREVIVE COM OS IMPACTOS AMBIENTAIS**

Moacir dos Santos da Silva (UENF)

moacircap@gmail.com

Ileana Celeste Fernández Franzoso (UENF)

ileana.celeste@gmail.com

Milene Vargas da Silva Batista (UENF)

milenevargas@hotmail.com

Eliana Crispim Luquetti (UENF)

elinafff@gmail.com

RESUMO

A análise interpretativa dos seguintes textos: "Passaredo", "Sobradinho", "O cio da terra" e "Impactos ambientais negativos na sociedade contemporânea" desencadearam muitas discussões acerca da interação produtiva do homem com o meio ambiente. As letras musicalizadas dos três primeiros textos foram trazidas para debate e análise coletiva; além de uma leitura minuciosa e reflexiva sobre o artigo em questão com inferências de opiniões por parte dos alunos. Houve ainda uma parceria com o professor da disciplina de geografia, em que nuances sobre o conceito foram avaliadas e, como produto final, o aluno é convidado a elaborar um vídeo, associando música e imagens, em que possa expressar, em prosa ou em verso, o seu sentir em relação ao assunto.

Palavras-chave: Produção de textos. Interpretação de textos. Letras de música.

1. Introdução

O ensino de língua portuguesa é permeado por diversas ações conflitantes e extremamente necessárias à produção de textos bem escritos com as devidas qualidades: clareza, precisão, situacionalidade, forma e intencionalidade, dentre outros muitos aspectos.

Para esse fim, muitos meios e procedimentos são utilizados. No entanto, alguns deles não são devidamente entendidos pelos alunos: Por que é necessário escrever com correção? Para que aprender períodos simples e compostos? E figuras e funções da linguagem? Saber que as palavras têm classe e função pode contribuir?

Esses questionamentos podem ajudar na medida em que o processo de ensino/aprendizagem apresente clareza nas ações por parte do professor. É necessário que os alunos entendam que o texto é o fim e que todas as outras questões imbricadas não estão dissociadas, mas não representam a essencialidade, embora a precisão nas aplicabilidades interfira no todo.

É por isso que se faz necessário o estudo da coesão e coerência para a compreensão de nuances relativa à escrita de um texto. Há alunos que primam pela correção ortográfica e não conseguem avançar em ideias e situações reflexivas, o seu texto fica preso a uma forma e, por pressões oriundas à tipologia e gênero, que delimitam linhas e/ou versos, parágrafos e estilos, acabam sendo redundantes e ambíguos. Há, no entanto, outros que viajam em ideias e criatividade, que desbravam territórios concernentes à acentuação e à pontuação, sem limites e sem regras: escrevem muito, emocionam e nem sempre dão o recado devido.

A esses obedientes e limitados, transgressores e ousados juntam-se àqueles que não conseguem avançar e os que têm traumas de folhas em branco. E a todos eles uma situação pode ser comum e contribuinte: depois da constatação da falta de repertório e ingrediente, é de fundamental importância um fio condutor que permita que assuntos e pensamentos sejam discutidos e mobilizados a partir de um norte.

E isso é o que se propõe: a produção de um texto literário a partir de reflexões que envolvem o cidadão, questões sociais e o meio ambiente. A delimitação do assunto fez-se pela amplitude que o envolve. Para o momento, a proposta é que se embebeda nas águas de Chico Buarque de Holanda, Sá e Guarabira, Raquel de Antoni e Luciana Fofonka, com a finalidade de interações a partir de proximidades, visando a uma maior ressonância nas produções dos alunos.

2. *Impactos ambientais e sustentabilidade*

O meio ambiente é de todos e deve ser cuidado e preservado. Essa frase é recorrente e antiga. Ela vem ultrapassando gerações, mas infelizmente existem poucos sujeitos capazes de efetivar a ação. O pertencimento a todos é fato. Entretanto, deve ser cuidado e preservado por quem?

Outra verdade absoluta é que não existe ação sem reação. E isso é válido em todos os atos de interação que envolve as relações humanas.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Na família, por exemplo, quando não existem diálogo e demarcação de algumas “regras” de convivência entre pais, filhos e irmãos geram um espaço em que todo mundo grita e ninguém manda, sem harmonia e nenhuma organização. Na política, quando não há clareza na questão hierárquica, competência e exemplo, por parte dos comandantes, os subordinados fazem o que querem e as metas e rumos não são atingidos.

E essa configuração também é bastante perceptível na relação do indivíduo com o meio ambiente. Simples ações acometidas em massa podem incorrer em resultados catastróficos e em gastos desnecessários que implicam na qualidade de vida de muitos, principalmente de um grupo menos favorecido. Isso ocorre, por exemplo, quando se jogam lixos nas ruas, derramam-se dejetos nos rios ou poluem-se o ambiente com fumaças e gases provenientes de meios de transporte mal regulados e empresas situadas em espaços inadequados.

O curioso é que o autor dessas peripécias é o próprio ser humano, o principal beneficiado pela natureza, que silenciosamente o oferece sua cor, sua água, seu ar, seu alimento, sua fertilidade para que cada cidadão possa usufruir e, diga-se de passagem, com qualidade e abundância de todos os seus préstimos.

Para ilustrar o exposto, cito Padilha (2005):

Quando se fala em preservação ambiental é preciso levar em consideração não só as empresas, mas sim as atitudes da população como um todo e também as ações que o governo pode realizar para um resultado final satisfatório sendo que as pessoas serão as maiores beneficiadas. Nesse contexto, a questão ambiental está ligada à dificuldade de encontrar o equilíbrio entre o desenvolvimento e o uso racional dos recursos e minimização dos impactos, havendo assim um equilíbrio de produção. (PADILHA et al., 2005)

Essa citação faz parte do artigo escrito por Raquel de Antoni e Luciana Fofonka, ele é recheado dessas especificidades que levam o indivíduo a se mexer e sair do senso comum, nem que seja mentalmente. Endossa-se aqui com uma imagem bastante significativa em que um pescador conduz um barco num rio, recoberto com peixes mortos submergindo, vítimas, ao certo, de produtos químicos depositados no mesmo.

E quem é o responsável por tais atrocidades? Há alguém que, de fato, pague pelos prejuízos? O preço pago é compatível com os danos?

Valle (1995) auxilia e convida à reflexão quando define impacto ambiental como:

Qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas que direta ou indiretamente afetem a segurança, saúde, bem-estar, atividades socioeconômicas, condições estéticas, sanitárias e qualidade dos recursos ambientais. (VALLE, 1995)

A citação ratifica o protagonismo do ser humano, enquanto membro efetivo do meio ambiente, capaz de atuar positivamente e, infelizmente, causar danos irreversíveis com o seu imediatismo e individualismo, que limitam e interferem diretamente na qualidade do espaço que se pretende deixar para uma geração vindoura.

Em relação à sustentabilidade, os índios foram verdadeiros professores dos homens brancos. A harmonização da natureza com os seus cotidianos, o respeito aos seus componentes e a sobrevivência pela subsistência, estarreceram aos recém-chegados portugueses de 1500 e hoje é foco da admiração de muitos.

A relação com a natureza de forma comedida, coerente e ajustada é sinal de inteligência. Não se pode usufruir de toda uma areia de um rio, de forma desordenada e intensa, sabendo-se que, além disso, existem os peixes, a qualidade do ar e que determinados recursos são finitos. Assim como fazer das valas que cercam nossas cidades de grandes lixeiras, dentre outros tantos exemplos. A rotina que nos envolve trará consequências. E nós estamos preparados para enfrentá-las?

Um grande parceiro para nortear ações e transformar uma sociedade é o conhecimento. Em relação ao sistematizado que a escola oferece, Koch (2002), explicita o seguinte:

Ao professor cabe a tarefa de despertar no educando uma atitude crítica diante da realidade em que se encontra inserido, preparando-o para “ler o mundo”: a princípio, o seu mundo, mas, daí em diante, e paulatinamente, todos os mundos possíveis. (KOCH, 2002, p. 159)

É essa capacidade de compreensão que se precisa adquirir para interagir melhor com tudo o que cerca o indivíduo na natureza: poucas coisas estão dispostas nesta ou naquela parte ao acaso. Pensando-se bem, tudo tem um propósito e procurar conhecer determinados limites, funcionalidade, fragilidade e a conexão e contribuição com um corpus maior é sinal de inteligência e visão coletiva.

3. *Poesia e meio ambiente*

A poesia poderia retratar o caos? Em meio a tribulações e desigualdades sociais, consegue-se enxergar o belo? Talvez, o grupo “Secos e Molhados”, com a música “A Rosa de Hiroshima”, ou Caetano Veloso com as produções “Alegria, Alegria” e “Debaixo dos Caracóis”, ou ainda o próprio Chico Buarque com o seu “Vai Passar” nos provem que sim. No entanto, isso só cabe a poucos?

Trazer à tona os aspectos negativos, inicialmente, não foi por acaso, é relativamente fácil agrupar letras e palavras e produzir rimas a partir de fontes de inspiração exóticas. Casimiro de Abreu provou isso com reservas em “Canção do exílio” e “Meus oito anos”, assim como Roberto Carlos em “Meu pequeno Cachoeiro”.

O fato é que nuances relativas a esse palco tão rico, inusitado e ímpar representam, historicamente, um ambiente sortido de especificidades digno dos mais sofisticados e criativos versos.

Em “Passaredo”, Chico Buarque faz um apelo aos pássaros: “Bico calado, toma cuidado, que o homem vem aí”. E toda a construção textual em torno dos nomes das aves, não foi por acaso: todas deviam ser retratadas e prevenidas, pois o “bicho” desbravador supracitado chegaria.

Assim como teria tempo e oportunidade para desregular o sertão, tornando-o susceptível a tempestades, trovões e alagamentos. Na voz de Sá e Guarabira, metaforicamente, o espaço hostil chegaria a virar mar, causando comoção aos homens.

E o que Chico Buarque e Milton Nascimento fazem em Cio da terra? Uma personificação que dá gosto de ler e cantar. Uma terra que, recebendo ou não a semente, com boa ou má vontade humana, acolhe, protege e transforma. Deixa-se fecundar sem nenhuma preocupação e nos propicia milagres vitais, comparáveis a procriação humana; no entanto, sem reservas, sem cobranças; para todos, indistintamente, para que se fartem de pão, se lambuzem de mel, como nos exemplifica a própria letra.

4. *A consolidação do trabalho*

A apresentação dos textos musicalizados foi muito produtiva. Verificar a dificuldade com a linguagem figurada possibilitou preencher lacunas com mais esse repertório.

Embora os alunos tenham achado as melodias e as letras complexas, ultrapassadas e estranhas, foi enriquecedora a discussão. Houve comparações com as recentes enchentes a partir da letra de “Sobradinho”; com as caças desenfreadas e mal fiscalizadas pelo IBAMA, quando se trabalhou “Passaredo” e com os benefícios e produtividade da terra, se respeitada, bem cultivada, bem preparada pelo homem, a partir de “Cio da terra”.

O artigo intitulado “Impactos ambientais negativos na sociedade contemporânea” propiciou grandes momentos de debate. Houve um ponto em que os alunos apresentaram dúvidas em relação à tsunami ser ou não oriunda de impacto ambiental; foi neste momento que se observou a necessidade de pesquisa e de um apoio por parte de um profissional de determinada área específica, no caso um professor de geografia para esclarecer a situação.

Essa foi a oportunidade de interdiscursividade e interdisciplinaridade. Os alunos aproveitaram muito e o professor da escola, Thiago, escolhido para a elucidação, desprende horas preciosas para as dúvidas e questionamentos dos alunos.

Desde à reflexão de que tudo começa com as pequenas ações até a análise das imagens no artigo, especialmente a que envolvia peixes mortos por produtos químicos jogados nos rios, tudo foi motivo de polêmica a cada leitura de parágrafo, o que tornou a atividade dinâmica, discursiva e impactante.

A etapa de produção textual também foi conflitante, determinados alunos não queriam produzir texto literário de jeito algum. Então se propôs apenas que se elaborasse um texto, fosse com qualquer formato, envolvendo a questão dos impactos ambientais. Assim ficou mais tranquilo e iniciaram a escrita individual.

A proposta seguinte é que os alunos se agrupassem e escolhessem um dos textos para fazer o trabalho. A surpresa dessa vez foi que os textos escolhidos pelos grupos, para inserção de músicas e imagens, foram do gênero poema.

A opção por desenvolver os aspectos negativos, como forma de alerta, foi uma estratégia utilizada na maioria dos textos pelos alunos, ainda que conhecessem (e também os foram apresentadas) as interferências positivas. Pode-se observar isso em algumas situações, como no exemplo a seguir:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Nestes dias atuais,
Com as indústrias e as grandes cidades,
O planeta reage ao que você faz
E a poluição é um problema grave

Para curar a terra nessa situação
Band-Aid não adianta, não.
É preciso, da gente, consciência
E uma boa dose de paciência...

(ALUNO 1)

Além da arrumação dos termos e da visão coletiva, o que chama a atenção na “construção” é a explicitação dos remendos que se fazem nas ações e atos equivocados, sem consistência: uma verdadeira falta de consciência e inteligência.

A possibilidade de pesquisar músicas e imagens coerentes com o texto produzido foi muito significativa, principalmente pela forma que os alunos se empenharam para a ação: houve leituras de textos variados, visita à sala de informática da escola e utilização de diversas mídias digitais, envolvimento dos pais e uma grande integração entre os alunos, que se encontraram, inclusive, em outros horários e em outros espaços para dinamizarem a “tarefa”, sem reclamações e com um certo contentamento.

Outra curiosidade que chamou a atenção foram os estilos textuais, existiram produções mais denunciadoras, outras mais sutis, com enfoques na coletividade, preventivas... No entanto, todas apresentaram, em seu cerne, um quê de insatisfação e até indignação; é o que se observa em uma intitulada “Tempos difíceis”. Segue um fragmento:

Nosso mundo está acabando,
Mas ninguém está se importando,
Temos que agir,
Para uma sociedade melhor conseguir.

Queimadas, enchentes, desabamentos.
Isso tudo cai no esquecimento.
Quando só pensamos na economia,
E não nos importamos com a cidadania.

(ALUNO 2)

A opção pela utilização da primeira pessoa do plural no texto mostra que eles não querem ficar à margem e ao mesmo tempo expõe procedimentos individuais e políticas equivocadas em que a natureza, o cidadão e a qualidade de vida estão em segundo plano, ou nem são levados em conta, em detrimento de um crescimento econômico.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Outro fator a ser destacado foram as músicas. Os alunos preferiram as internacionais. Contudo, preocuparam-se com as letras das mesmas, para manter a coerência com as imagens e com o poema e fizeram pesquisas, inclusive com o professor de inglês da escola.

O terceiro exemplo de texto citado, construído pelos alunos, também discute alguns valores e conceitos. Observe:

Junto à natureza que se desfaz
É preciso repensar
Nossa responsabilidade nisso tudo
Devemos deixar, devemos não nos importar?
Ou de nosso futuro devemos cuidar?

Montanhas de lixo no chão
Aumenta-se a poluição
A falta de água no lago,
a seca tem gosto amargo.

Então, meu povo, atenção!
A terra nos dá um aviso:
O céu se torna cinza
E o rio perde o seu vivo.

Para o sol brilhar,
E a terra prosperar,
A nossa parte devemos fazer
E por nossa casa devemos zelar.

(ALUNO 3)

Aqui o cidadão está sendo chamado à responsabilidade. “Para o sol brilhar” a natureza tem de ser amada, cuidada, preservada. E isso é fato, na medida em que pequenas ações como jogar lixos e resíduos nas ruas e nos rios, desmatar-se as florestas e colaborar com a produção de fumos, inclusive as tóxicas, são efetivadas e repetidas continuamente.

Os trabalhos depois de corrigidos e editados foram apresentados e explicados para toda a classe, desde o início, passando pela ideia motivadora, pela divisão das equipes em grupo e todas as outras escolhas para as dinâmicas. Ficou acordado entre alunos e professores ainda, que iriam apresentar os vídeos em uma mostra específica da escola e que qualquer um componente da turma poderia expressar o seu procedimento na feitura do assunto.

5. *Considerações finais*

A interdiscursividade e a interdisciplinaridade do trabalho foram observadas em vários momentos: quando se envolveu outros professores, trouxe à baila textos focando as temáticas e, quando se utilizou as falas de especialistas como Padilha, Valle e Koch ocorreu um referencial significativo com muitos ecos discursivos. Os envolvimento de muitas mãos deram um tom de pertencimento coletivo que é o verdadeiro sentimento que cada um precisa ter acerca do mundo, que é de todos e para todos.

O próprio ato de construção do vídeo em que uns deveriam priorizar as imagens, outros a música e outros a elaboração do texto já estabelecia uma ordem que deveria envolver parte e todo, numa consonância obrigatoriamente interativa em que o sucesso ou o insucesso das partes ecoariam no produto final de forma decisiva.

A diversidade de ideias e os próprios títulos: “Tempos difíceis” “Somos a cura da Terra”, “Apenas um sopro”, “Deveres do homem”, e “Suicídio”, merecem um parágrafo à parte; contudo o enfoque nos grandes centros e uma temática negativa, preventiva e apelativa também foram observados em quase todos os textos.

O fato é que houve uma produtividade a partir de uma construção textual que envolveu uma diversidade de recursos e um grupo de profissionais que desenvolveu cada ação com uma atitude de integrar e tornar efetivo o conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. Trad.: Sírio Possenti. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

_____. *Cenas da enunciação*. Organização: Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

PADILHA, A. C. M.; LEAVY, S.; SAMPAIO, A.; JERÔNIMO, F. B. Gestão ambiental de resíduos da produção na Perdígão Agroindustrial S/A – Unidade Industrial de Serafina Corrêa – RS. In: XLIII CON-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GRESSO DA SOBER, 2005, Ribeirão Preto. *Anais...* Disponível em:
<<http://www.sober.org.br/palestra/2/1033.pdf>>. Acesso em: 20-06-2010.

VALLE, Cyro do. *Qualidade ambiental: O desafio de ser competitivo protegendo o meio ambiente*. São Paulo: Pioneira, 1995.